



CICLOS SISTÊMICOS DE ACUMULAÇÃO E AJUSTES ESPACIAIS: CONTRIBUIÇÕES DO DIÁLOGO ENTRE ARRIGHI E HARVEY PARA O ESTUDO DA GEOPOLÍTICA

Daniel Campos Nunes da Silva ¹

RESUMO

O trabalho proposto pretende apontar, a partir do intenso diálogo estabelecido por Arrighi e Harvey em suas obras, a forma como os conceitos de ajuste espacial de David Harvey e ciclos sistêmicos de acumulação, desenvolvido por Giovanni Arrighi, podem contribuir para o debate em torno da geopolítica. Procura-se, dessa forma, apresentar como a constituição dos ciclos hegemônicos tem na configuração de ajustes espaciais uma relação de indissociabilidade. A pesquisa buscará demonstrar que o diálogo estabelecido pelos autores contribuí para o entendimento da centralidade do espaço nas relações de poder do sistema interestatal. As análises em torno das obras dos autores citados permitem a utilização do conceito de ajuste espacial do Harvey como uma importante ferramenta analítica das disputas interestatais em um cenário de caos sistêmico no qual a busca pela aceleração do espaço é um elemento de poder estratégico nas relações internacionais. Giovanni Arrighi passa a inserir a ideia de ajuste espacial como parte integrante da sua estrutura conceitual de ciclos sistêmicos de acumulação. Pretende-se demonstrar que a construção conceitual desses autores apresenta novas possibilidades analíticas que contribuem para um melhor entendimento do papel do espaço geográfico nas disputas de poder entre os Estados Nacionais.

Palavras-chave: Ajustes espaciais, Ciclos Sistêmicos, Geopolítica, Espaço Geográfico, Poder

RESUMEN

El trabajo propuesto tiene como objetivo señalar, a partir del intenso diálogo establecido por Arrighi y Harvey en sus obras, la forma en que los conceptos de ajuste espacial y ciclos sistémicos de acumulación de David Harvey, desarrollados por Giovanni Arrighi, pueden contribuir al debate en torno a la geopolítica. De esta manera, buscamos presentar cómo la constitución de los ciclos hegemónicos tiene una relación inseparable en la configuración de los ajustes espaciales. La investigación buscará demostrar que el diálogo establecido por los autores contribuyó a la comprensión de la centralidad del espacio en las relaciones de poder en el sistema interestatal. Los análisis en torno a los trabajos de los autores antes mencionados permiten utilizar el concepto de ajuste espacial de Harvey como una importante herramienta analítica para disputas interestatales en un escenario de caos sistémico en el que la búsqueda de aceleración espacial es un elemento de poder estratégico en las relaciones internacionales. Giovanni Arrighi comienza a insertar la idea de ajuste espacial como parte integral de su estructura conceptual de ciclos sistémicos de acumulación. Se pretende demostrar que la construcción conceptual de estos autores presenta nuevas posibilidades analíticas que contribuyen a una mejor comprensión del papel del espacio geográfico en las disputas de poder entre Estados Nacionales.

Palabras clave: Ajustes espaciales, Ciclos sistémicos, Geopolítica, Espacio geográfico, Poder

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (PPGGEO - UERJ/FFP) - RJ, danielcnuness@yahoo.com.br;

INTRODUÇÃO

O espaço no centro da disputa de poder interestatal

David Harvey e Giovanni Arrighi estabeleceram um estreito diálogo ao longo das suas obras acerca das transformações espaciais e políticas no sistema internacional. Arrighi ao estabelecer a existência de ciclos sistêmicos de acumulação reconhece o protagonismo do espaço geográfico no desenvolvimento de cada ciclo hegemônico. Em suas análises (ARRIGHI, 2008) recorre ao conceito de ajuste espacial de Harvey para explicar a ascensão e o declínio dos Estados Nacionais no sistema internacional. Harvey, por sua vez, volta-se para os ciclos sistêmicos de acumulação de Arrighi para referir-se às lógicas de controle territorial e de alteração dos espaços dentro dos processos históricos. O presente trabalho pretende demonstrar como esse rico diálogo pode contribuir para o estudo da geopolítica.

Para o melhor entendimento do que pretendo comprovar é necessário nos voltarmos para Arrighi (1994) e sua definição de ciclos hegemônicos. Em seu livro “O Longo Século XX”, o autor procura realizar uma sistematização sobre o desenvolvimento do capitalismo mundial, desde os seus elementos originários até a fase contemporânea de expansão. Para tanto, o autor defende que existe um padrão na forma de desenvolvimento do capitalismo em que fases de expansão material, quando estruturas produtivas são implementadas e a circulação da produção se expande, são alternadas por fases de expansão financeira em que parte cada vez mais significativa do capital passa a se reproduzir através de acordos financeiros. Para Arrighi (1994), essas duas fases, expansão material e expansão financeira, constituem o que definiu como ciclo sistêmico de acumulação.

O processo de declínio e ascensão dos ciclos sistêmicos de acumulação é acompanhado de uma reorganização das bases sociais e materiais que projetam o poder da potência que será hegemônica. Ou seja, a cada novo ciclo de acumulação as bases sociais e materiais serão superiores ao ciclo anterior. Porém, é importante observar, que características dos regimes anteriores não desaparecem por completo, na verdade reaparecem de forma mais complexa justamente por estarem assentadas em novas bases sociais e espaciais.

O conceito de ajuste espacial desenvolvido por Harvey (2005) contribui para o entendimento de como o desenvolvimento do capitalismo e, conseqüentemente dos seus ciclos hegemônicos, são acompanhados de um reordenamento espacial que procura ser implementado de forma a atender a reprodução do capital.

Harvey começa a ensaiar uma ampliação do conceito de ajuste espacial ao dimensionar o papel que a reorganização interna do espaço pode cumprir em contextos de sobreacumulação de capital. Para tanto, cita os investimentos chineses em obras de infraestrutura como uma solução para absorção de excedentes de capital (HARVEY,2004; p.104). Ou seja, os ajustes deixam de ser uma solução meramente externa para as contradições do capital para apresentar uma multiescalaridade. Amplia-se, assim, a “compressão do espaço-tempo” e a intensificação para uma movimentação mais rápida do capital (HARVEY,2011, p.131)

Interessante observar que Harvey enfatiza o papel que esses ajustes espaciais, ao criarem expansões geográficas, ameaçam os valores fixados em outros lugares. Ou seja, a injeção de bilhões de dólares por parte do governo chinês em obras de infraestrutura cumpre um duplo papel ao possibilitar a retomada da demanda efetiva e, ao mesmo tempo, acarretar em desvalorizações de capitais fixos instalados em outras regiões. Harvey passa a observar que esses ajustes podem conter um caráter estratégico em reposicionamentos de Estados na dinâmica econômica global. Agravando, dessa forma, a concorrência internacional. Ao comentar sobre essa possibilidade, Harvey (2016,p.146) destaca:

Nesse caso, o ajuste espaçotemporal adquire um significado muito mais sinistro, transformando-se em exportação de desvalorização local e regional e destruição do capital (como ocorreu em larga escala no Leste e no Sudeste asiático e na Rússia em 1997-1998). Como e quando isso acontece, no entanto, depende tanto das formas explícitas de ação política por parte do poder estatal quanto dos processos moleculares de acumulação do capital no espaço e no tempo

O fato é que inegavelmente o espaço é um elemento constituinte do poder exercido pelos atores estatais que possuem na mundialização uma papel de centralidade (OSÓRIO,2019). A forma como se configura o meio técnico científico informacional (SANTOS, 2020) definirá a condição de poder, a dimensão de poder, a ser exercido pelos Estados no sistema internacional. Os diálogos entre Harvey e Arrighi são uma valiosa contribuição para esse entendimento. Os ajustes espaciais são representações determinadas de relações de poder e, ao mesmo tempo,

condições para novos arranjos de poder. A configuração de novos ciclos hegemônicos ocorre a partir das relações estabelecidas em arranjos espaciais específicos nos quais, estes, contribuem decisivamente para a forma como se desenvolvem os ciclos hegemônicos ao ser, o espaço, condição e elemento de poder.

A disputa por ajustes espaciais

A aceleração do espaço nas últimas décadas não passou despercebida para Harvey ao observar que existe uma compressão espaço temporal, uma redução do espaço pelo tempo, no qual o capital apresenta maior mobilidade. Essa aceleração do espaço possibilita uma redução do tempo de giro do capital. Quanto menor esse tempo de giro maior será a rentabilidade da mas valia. Nesse sentido, a redução das fricções das estruturas espaciais representa a retomada ou ampliação da dinâmica de acumulação.

Ao contrário do que se imagina, essa maior velocidade e amplitude para a dinâmica do capital se realizar no espaço não diminui a importância deste. Esta, ao contrário, é reafirmada pois as diferenças existentes em um espaço geográfico desigual tornam-se ainda mais importantes para a lógica de poder e de acumulação existentes. Sobre isso, afirma Harvey (2011,p.133):

A necessidade de assegurar a continuidade dos fluxos geográficos do dinheiro, bens e pessoas exige que toda essa diversidade esteja entrelaçada por meio de transportes eficientes e sistemas de comunicação. A geografia resultante da produção e do consumo é profundamente sensível ao tempo e custo de atravessar o espaço. Esses tempos e custos foram muito reduzidos pelas inovações tecnológicas e organizacionais, além da queda nos custos de energia. Os problemas de distância têm um papel cada vez menor na limitação da mobilidade geográfica do capitalismo. Isso não significa, porém, que as diferenças geográficas não importam mais. Precisamente o contrário: o capital altamente móvel presta muita atenção até mesmo nas pequenas diferenças nos custos locais porque geram lucros mais elevados

A reorganização dos espaços em formas espaciais que permitem maior fluidez nos diferentes territórios é resultado, prioritariamente, dos investimentos públicos realizados pelos Estados. Esses investimentos tornam os espaços mais atraentes para a entrada de investimentos externos diretos e permitem, ao mesmo tempo, um ganho de competitividade para a produção local. A perda ou ganho de dinamismo econômico por parte dos Estados configurará o estabelecimento de um novo quadro de relações de poder que tem na reorganização dos espaços

internamente um elemento indissociável. Não será por acaso que na quadra histórica que atravessamos observamos a implementação de um projeto de infraestrutura de alcance global promovido pela China, conhecido como Nova Rota da Seda.

O investimento Chinês em obras na Nova Rota da Seda alcançou a cifra de 942 bilhões de dólares gastos em obras de infraestrutura que envolvem, direta ou indiretamente, mais de 140 países. Esses investimentos possibilitam acesso a mercados e matérias primas que fortalecem o posicionamento da China no sistema internacional. Amplia o posicionamento geopolítico da China ao mesmo tempo que fortalece e amplia o seu poder no sistema interestatal. Esses vultosos investimentos externos são acompanhados de um ajuste espacial adotado também no interior do seu território. Segundo Harvey (2016, p.182-183):

A China absorveu uma quantidade maciça de mão de obra promovendo um enorme programa de investimentos em consumo produtivo no meio ambiente construído. Um quarto de PIB veio somente da produção de moradias e outro quarto ou mais veio de investimentos infraestruturais em rodovias, sistemas hídricos, redes ferroviárias, aeroportos etc. Cidades inteiras foram construídas (muitas são "cidades fantasmas", que ainda precisarão ser povoadas). A economia espacial da nação está mais bem integrada, com rodovias e ferrovias de alta velocidade ligando firmemente os mercados do sul e do norte e desenvolvendo o interior para que tenha uma ligação melhor com a costa. Embora o governo central já desejasse realizar algo dessa natureza (o projeto da rede ferroviária de alta velocidade é da década de 1990), ele mobilizou tudo o que pôde nesse período para absorver a força de trabalho excedente potencialmente revoltosa. Em 2007 não havia nem um quilômetro de ferrovias de alta velocidade na China. Em 2015 já havia quase 20 mil quilômetros ligando todas as principais cidades do país.

A expansão geográfica promovida pela China em múltiplas escalas promove um aumento da demanda efetiva relativa a sua produção tanto no mercados externo como também pelo seu poderoso mercado consumidor interno. Entrementes, essa produção do espaço promove uma aceleração da compressão espaçotemporal, o que torna o tempo de giro do capital menor. Aumenta, dessa forma, as vantagens locacionais de se produzir na China e acentua a desvalorização de outras regiões. Ocorre, dessa forma, uma dupla acumulação: de capital e de poder (HARVEY,2004).

O anúncio por parte da comissão europeia de um projeto bilionário de investimentos em infraestrutura denominado Global Gateway (Valor econômico,2021) lançado no final de 2021,

é uma clara resposta a expansão geográfica promovida pela china em escala global. O projeto Europeu tem uma previsão de alcançar países da África, América Latina e Ásia. A iniciativa revela uma estratégia na geopolítica global que tem nos ajustes espaciais um dos seus alicerces. Acentua-se a compressão espaçotemporal e a tensão entre Estados. Justamente por isso Harvey (2020, p.125) comenta que " Além disso, noto um renascimento do interesse em teoria geopolítica desde cerca de 1970, assim como uma disposição renovada de reabrir o problema da espacialidade a uma reconsideração geral". Esse renascimento da geopolítica não passou despercebida pelo Guzzini (2020) ao também afirmar que existe um interesse crescente sobre o tema.

Um outro exemplo claro no sentido de demonstrar como a produção do espaço está no centro das disputas geopolíticas é o anúncio no último 26 de junho de 2022 de um programa de infraestrutura global lançado pelos países do G7 (DW,2022). O programa intitulado " Associação Global Para Infraestrutura" prevê um investimento em torno de 600 bilhões de dólares até 2027 para infraestrutura. A disputa geopolítica tornou uma disputa por ajustes espaciais. Essa dimensão geopolítica do conceito já tinha sido observada por Harvey (2016, p.146), que destaca:

Nesse caso, o ajuste espaçotemporal adquire um significado muito mais sinistro, transformando-se em exportação de desvalorização local e regional e destruição do capital (como ocorreu em larga escala no Leste e no Sudeste asiático e na Rússia em 1997-1998). Como e quando isso acontece, no entanto, depende tanto das formas explícitas de ação política por parte do poder estatal quanto dos processos moleculares de acumulação do capital no espaço e no tempo.

A ação explícita do poder estatal na produção do espaço como estratégia geopolítica está evidenciada na multiplicação de projetos globais de infraestrutura lançados desde 2013 com a Nova rota da Seda. Um projeto que tinha um alcance inicialmente "limitado" em direção a África, Ásia e Europa e passa a ampliar a sua abrangência para a América Latina. Os resultados dessa expansão chinesa na América Latina são facilmente observáveis.

A declaração do governo da República Dominicana de rompimento das suas relações diplomáticas com Taiwan representa um novo revés para Taipei na América central. O reconhecimento dominicano anunciado pelo seu ministro das relações exteriores sinaliza uma diminuição do reconhecimento diplomático de Taiwan na região e reforça a leitura de um aumento da presença chinesa na América Latina. A posição adotada pela República Dominicana ocorre menos de um ano depois de um estratégico país da região, o Panamá,

romper relações diplomáticas com Taiwan. É importante ressaltar que a maioria dos países que ainda reconhecem Taiwan encontram-se na América Latina. As relações formais de Taiwan restringem-se a apenas 19 países: dez na América Latina, seis na Oceania, dois na África e um na Europa. A perda de aliados na região de maior reconhecimento diplomático em relação ao governo de Taipei é resultado do aumento considerável de investimentos chineses na região. A China tornou-se o segundo maior parceiro comercial da República Dominicana e é o segundo país que mais utiliza o Canal do Panamá, além de ter iniciado a construção de um porto com instalações de gás natural na província panamenha de Colón, no norte do país caribenho.

A aproximação com o Panamá é mais um importante capítulo no estabelecimento de relações estratégicas da China com o objetivo de assegurar rotas e investimentos que possibilitem a continuidade do crescimento econômico do gigante asiático. Nesse sentido, o estreitamento das relações entre China e Nicarágua, que ganhou impulso com o governo do ex-guerrilheiro Daniel Ortega, configurou-se como um momento importante desse processo. A inserção chinesa em Manágua é fortemente simbolizada pela construção de um novo canal interoceânico que cruzará o seu território e terá uma extensão e capacidade de circulação de carga superior ao do Panamá. Esse canal possibilitará a intensificação das relações comerciais da China com a América Latina e permitirá uma maior competitividade para os produtos chineses ao contribuir para uma redução dos custos de transporte de matérias primas.

A resposta a essas ações de inserção chinesa na região a partir de um conjunto de políticas não passaria despercebido pelos Estados Unidos que historicamente consideraram a América Latina o seu quintal. O lançamento por parte do governo Trump do programa “América Cresce” (TERRA,2020), que prevê investimentos em programas de infraestrutura na América Latina, foi uma resposta direta ao crescimento da influência chinesa na região.

Mais uma vez observa-se o papel que o espaço, a disputa pela produção do espaço, a partir de determinadas intencionalidades, insere-se, de forma contundente, como elemento da disputa geopolítica contemporânea.

METODOLOGIA

A metodologia de trabalho consistirá em uma análise qualitativa das obras de Giovanni Arrighi e David Harvey. Para este fim todas as obras do Harvey listadas na referência

bibliográfica do projeto apresentam relevância para a pesquisa em questão por conterem um encadeamento acerca do desenvolvimento do conceito de ajuste espacial. Em Arrighi receberá uma especial atenção o livro Adam Smith em Pequim por ser justamente nessa obra que o autor incorpora o conceito de ajuste espacial às análises dos ciclos sistêmicos de acumulação.

Por meio da pesquisa bibliográfica, pretendo construir a fundamentação teórica e analítica. As obras de Arrighi e Harvey, ao estabelecerem um intenso diálogo, possibilitam um aprofundamento do entendimento das relações de poder entre os Estados Nacionais e a questão espacial. Observa-se, dessa forma, que os conceitos de ciclos hegemônicos de acumulação e ajuste espacial serão parte importante do corpo teórico da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

O desenvolvimento da pesquisa tem um amplo amparo nas obras de Harvey e Arrighi. Nas obras de Harvey uma atenção especial voltou-se para as diferentes camadas que o conceito de ajuste espacial passa a assumir ao longo dos seus trabalhos. Em Arrighi será em seu livro Adam Smith em Pequim que a análise espacial será mais amplamente trabalhada pelo autor e a sua centralidade na disputa de poder interestatal.

A presença da questão espacial nas análises marxistas e na própria obra de Karl Marx será um valioso instrumental teórico. Algo, aliás, fartamente buscado por Harvey nos seus trabalhos. A teoria da acumulação capitalista desenvolvida por Marx foi durante muito tempo analisada a partir de um esquecimento da base espacial inerente a essa análise. Os ajustes espaciais implementados pelos Estados Nacionais são parte dessa lógica e das relações de poder estabelecidas. Da mesma forma, o trabalho do Ruy Moreira em “Geografia e Práxis” ao apresentar uma análise da teoria do imperialismo e a sua correspondência espacial contribuiu para a presente pesquisa. A compreensão da dimensão espacial nessas distintas concepções de imperialismo contribuiu para situar a obra de Harvey nesse debate.

O arcabouço teórico desenvolvido por Milton Santos apresenta uma compreensão do espaço geográfico que é uma importante contribuição para o entendimento da importância dos arranjos espaciais no exercício do poder. Sobre essa questão Milton Santos, ao comentar sobre os sistemas de poder inerentes à ação das grandes organizações, afirma:

“ Faltava acrescentar que a própria estrutura do espaço constitui uma condição fundamental ao exercício do poder e à natureza local ou regional desse poder. A



palavra poder deve ser aqui reconhecida no sentido que lhe dão Taylor e Thrift, isto é, a capacidade de uma organização para controlar os recursos necessários ao funcionamento de uma outra organização.”

Santos (2020, p. 271)

Apesar de Milton Santos não ter, ao longo de suas obras, como elemento de destaque a análise do espaço geográfico no interior das relações interestaduais, observa-se que o corpo teórico apresentado pelo autor dialoga diretamente com essa temática ao apresentar o espaço como um elemento indissociável do poder. A análise sobre centralidade da técnica na questão espacial e o conceito de formações socioespaciais serão parte imprescindível da análise proposta. Um determinado conjunto de técnicas existentes em cada período histórico contribuí para uma nova caracterização do espaço geográfico e da sua relação com o conjunto de fatos sociais que compõe a totalidade.

Os Estados Nacionais são formações socioespaciais específicas que possuem particularidades que apenas podem ser explicadas pelo entendimento dos processos estabelecidos no interior desses estados e das relações existentes com outras formações socioespaciais. A totalidade existente em cada formação socioespacial pode ser compreendida, em parte, pelos ajustes espaciais produzidos como parte das ações de poder de formações socioespaciais específicas.

O livro *A Geografia* – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra, do Yves Lacoste, assim como a sua mais recente obra, *A Geopolítica do Mediterrâneo*, representam uma importante contribuição para o resgate da geopolítica no sentido de trazer para o debate as discussões sobre a importância da relação entre Estado e espaço.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise em tela encontra a sua perspectiva espacial quando se observa a existência de uma geopolítica dos ajustes espaciais (HARVEY,2006) inerente a disputa interestatal protagonizada por Estados Unidos e China. Os ajustes são implementados como forma de implementar uma produção do espaço que torne os territórios dos Estados Nacionais, e das suas áreas de influência, um espaço dinâmico para a reprodução do capital e de acúmulo de poder. Ao mesmo tempo, esses ajustes funcionam como exportação de desvalorizações espaciais ao tornar a produção do espaço em outros países atraente para a reprodução do capital.

Observa-se, dessa forma, o papel que o espaço, a disputa pela produção do espaço, a partir de determinadas intencionalidades, insere-se, de forma contundente, como elemento da disputa geopolítica contemporânea. Algo que o presente estudo observou ao perceber a existência uma geopolítica de ajustes espaciais em um contexto de crise hegemônica do ciclo sistêmico estadunidense. A incorporação do conceito de ajuste espacial por Arrighi na sua formulação teórica dos ciclos sistêmicos de acumulação são outro desdobramento da investigação acerca da centralidade do espaço nas disputas do sistema interestatal. Aliás, essa dimensão da contribuição do Harvey para o estudo no campo das relações internacionais tem sido objeto de análise dos internacionalistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento do papel de centralidade do espaço geográfico nas relações de poder entre os Estados Nacionais possibilitará contribuições para o estudo da geopolítica e para a produção acadêmica em torno dessa temática. O estudo do tema em questão pela academia brasileira possibilitará um aprofundamento sobre a importância de definições políticas públicas que reforcem a necessidade de implementação de arranjos espaciais que ampliem a influência do Brasil em um cenário internacional de maior complexidade.

As disputas por ajustes espaciais se acumulam diante dos geógrafos. Cabe a nós reafirmar as insuficiências em torno do entendimento comum do espaço e das evidentes lacunas de qualquer análise que não parta de um espaço produzido pela sociedade, a partir de uma espacialidade já existente. As condições técnicas contemporâneas ampliam a inércia dinâmica do espaço e este reforça, assim, sua condição de instância social, um fato, uma determinação condicionada, por outro conjunto de determinações (SANTOS,1996).



REFERÊNCIAS

ARRIGUI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI.** Tradução de Beatriz Medina. São Paulo; Boitempo, 2008

ARRIGUI, Giovanni. **O Longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo.** Tradução de César Benjamin. Rio de Janeiro; Contraponto, 2013.

DW. **G7 lança plano para contrabancar influência chinesa.** 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/g7-lan%C3%A7a-fundo-de-infraestrutura-para-contrabalancear-influ%C3%A7%C3%A3o-chinesa/a-62271102>

GUZZINI, S. **O retorno da geopolítica na Europa?** São Paulo: Unesp, 2020.

HARVEY, David. **O novo imperialismo.** Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo; Loyola, 2004.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** Tradução de Carlos Szlak.. São Paulo; Annablume, 2006.

HARVEY, David. **O enigma do capital.** Tradução de Carlos Szlak. São Paulo; Boitempo, 2011.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo.** Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo; Boitempo, 2016.

OSORIO, Jaime. **O Estado no centro da mundialização.** São Paulo; Expressão Popular, 2019.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia à geografia crítica.** São Paulo: Hucitec, 1980.

SANTOS, M. **A natureza do espaço.** São Paulo: EDUSP, 2020.

TERRA. **Brasil vai aderir a programa de investimento dos EUA que tenta frear influência chinesa na América Latina.** 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/brasil-vai-aderir-a-programa-de-investimento-dos-eua-que-tenta-frear-influencia-chinesa-na-america-latina.aac8f516a34dee5e4bd3be7f1eee33f62x7yc6el.html>.

VALOR. **UE planeja gastar 300 bilhões de euros em planos de infraestrutura para rivalizar com a China.** 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2021/11/29/ue-planeja-gastar-300-bi-de-euros-em-plano-de-infraestrutura-para-rivalizar-com-a-china.ghtml>.